

LIMITES ENTRE LITERATURA, HISTÓRIA E TRADIÇÃO EM O QUE TERIA NA TROUXA DE MARIA?, DE DIANE VALDEZ**BOUNDARIES BETWEEN LITERATURE, HISTORY AND TRADITION IN O QUE TERIA NA TROUXA DE MARIA?, BY DIANE VALDEZ**

149

Júlio César Kohler Damasceno Baron

Mestrando Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (FL/UFG)

juliobaron@discente.ufg.br<https://orcid.org/0009-0001-7314-6129><http://lattes.cnpq.br/4257759422366334>

Larissa Warzocha Fernandes Cruvinel

Doutora Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (FL/UFG)

larissacruvinel@hotmail.com<https://orcid.org/0000-0001-8386-9868><http://lattes.cnpq.br/5139437648019389>

Resumo: Este trabalho buscou compreender como a obra *O que teria na trouxa de Maria?* (2017), de Diane Valdez e ilustrações de Alda Miriam Ribeiro, está situada no panorama das tendências estéticas da literatura infantil e juvenil em Goiás e da literatura brasileira contemporânea para jovens leitores. A partir de estudos de Tietzmann Silva (1987; 2004; 2012; 2016), foi analisado como a literatura infantil e juvenil de Valdez apresenta características históricas e geográficas do espaço goiano, bem como os hábitos e costumes das categorias sociais dos lugares de onde se narra. Ademais, tendo em vista as conceituações propostas por Edmir Perrotti (1986), observou-se que a obra de Valdez rompe com o *utilitarismo* e o *utilitarismo* às avessas quando se volta para a elaboração de um discurso memorialístico plurissignificativo, sem que se feche na transmissão de ensinamentos. A obra de Valdez propõe um outro olhar sobre os marginalizados, dando ênfase ao protagonismo de uma figura alheia aos discursos oficiais que permeiam a historiografia de e sobre Goiás.

Palavras-chave: *O que teria na trouxa de Maria?*. Crítica literária. Literatura infanto-juvenil. Literatura infanto-juvenil em Goiás.

Abstract: This article sought to understand how the work *O que teria na trouxa de Maria?* (2017), by Diane Valdez and with illustrations by Alda Miriam Ribeiro, is situated within the panorama of trends in children's and youth literature in Goiás specifically, as well as broader trends in contemporary Brazilian literature for young readers. Based on studies by Tietzmann Silva (1987; 2004; 2012; 2016), a tendency was identified in children's and youth literature published in Goiás to present historical and geographical characteristics of this region, as well as the habits and customs of the social categories of the places where it is narrated from. Furthermore, in view of the concepts proposed by Edmir Perrotti (1986), it was observed that Valdez's work

Building the way

breaks with utilitarianism and utilitarianism in reverse, when it turns to the elaboration of a multi-meaningful memorialistic discourse, without closing in on transmission of teachings. Valdez's work proposes another look at the marginalized, emphasizing the protagonism of a figure outside of the official discourses that permeate the historiography of and about Goiás.

Keywords: *O que teria na trouxa de Maria? Literary criticism. Children's and young adult literature. Children's and youth literature in Goiás.*

Breve panorama da literatura infanto-juvenil em Goiás

Em “Literatura Infanto-Juvenil em Goiás”¹, Vera Tietzmann Silva² considera sobre certa especificidade que, naquele ano de 1985, definia “uma linha de produção infanto-juvenil propriamente dita nas letras goianas” (Silva, 1987, p. 7) - a de “manter-se fiel às raízes da terra e do povo” (Silva, 1987, p. 7). Pode-se dizer que essa também foi uma característica que despertou atenção da crítica literária em escala nacional diante do que fora produzido *em* ou *sobre* Goiás, em âmbito geral, entre as décadas de 1910 e 1950. Exemplos disso são os nomes emblemáticos de Hugo de Carvalho Ramos e Bernardo Élis, os quais conseguiram legitimidade da crítica, sobretudo, por conferirem um tratamento estético refinado aos elementos locais. Traços dessa tendência podem ser observados pela inserção de costumes, lendas e variantes linguísticas típicas da oralidade popular; figuração trágica ou cômica, como denúncia das categorias sociais do sertão goiano, além do protagonismo conferido à própria geografia do lugar, atuando ativamente nos enredos. O diálogo estreito com dilemas dos respectivos momentos históricos (início do século XX em Ramos; décadas de 1930 a 1950 em Élis), também foi marca recorrente nas obras desses dois autores.

Ainda sobre o texto de Vera Tietzmann Silva, há uma proposta de classificação da produção literária em Goiás direcionada ao público infanto-juvenil identificada até aquele ano de 1985. A pesquisadora realizou um levantamento

¹Texto presente no volume 2 dos *Cadernos de Pesquisa do ICHL - Cadernos de Letras, Série Literatura Infanto-Juvenil*, lançado em 1987. Em nota de rodapé consta que o texto foi originalmente veiculado como comunicação na *I Semana de Literatura Goiana*, em 1985. Sobre a criação dos Cadernos de Pesquisa do ICHL e seu objetivo de represar as pesquisas dos professores do então Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Goiás, v. DENÓFRIO, 2011.

²Vera Maria Tietzmann Silva foi professora de literatura infanto-juvenil e teoria da literatura dos cursos de Letras da Universidade Federal de Goiás. Atualmente aposentada, foi, ainda, a primeira diretora da Faculdade de Letras da UFG após o curso se desmembrar do então Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), em 1997.

Building the way

sistemático dessa produção, o que resultou em uma listagem disposta em ordem cronológica e apresentada ao final do ensaio, como anexo. Silva também considera sobre as características das vertentes moralista, didática, lúdica, artística ou crítica daquela mesma literatura, enfatizando o pioneirismo de autores locais, como Miguel Jorge, pela obra *Atrás do Morro Azul*, de 1985, e, principalmente, Marietta Telles Machado por *O Congresso das Bruxas* (1978), uma vez que ofereceram “todo um mundo de conotações e, portanto, de sensações” (Silva, 1987, p. 14), recusando uma linguagem meramente denotativa e incluindo o leitor como componente ativo para a interpretação. Telles Machado e Miguel Jorge se valeram também de recursos do insólito, sem renunciarem a cenas e paisagens goianas em seus textos destinados aos jovens leitores.

Tomando esse primeiro momento como referência, outros textos voltados para o público infantil apresentam características predominantemente didáticas, como *Encontro com Romãozinho* (1976), de Marietta Telles Machado. Há também obras de natureza crítica, como *Professor Burrim e as Quatro Calamidades* (1978), de José J. Veiga³. Assim, a literatura publicada em Goiás para jovens leitores oferece um cenário múltiplo, de modo que se pode afirmar que existiram (e existem) literaturas infanto-juvenis no Estado.

Em texto publicado em 2016, cujo título é “A literatura infantil goiana”⁴, Silva retoma o que foi defendido na palestra de 1985 sobre o pioneirismo de Marietta Telles Machado na publicação de obras para jovens leitores com qualidade estética, mas atualiza a análise sobre a produção local voltada para o público infanto-juvenil. Um dos aspectos mencionados é a ascensão editorial verificada após resolução do Conselho Estadual de Educação de 2008. Trata-se de uma normativa que previa a integração do estudo da literatura goiana nos programas das disciplinas do ensino fundamental. Assim, “visando à escola, publicaram-se muitos títulos atrelados aos currículos e, pior que isso, vários textos simplificadores, moralistas e “politicamente corretos”, ou seja, na contramão do que se fazia na literatura infantil nacional” (Silva, 2016, p. 13).

³Categorização proposta por SILVA, 1987, p. 14.

⁴Este texto está na página 13 do *Jornal do Professor*, publicação do Sindicato dos Docentes das Universidades Federais de Goiás, número 33, setembro/outubro de 2016. Disponível em <https://www.adufg.org.br/files/setembro-outubro-2016-925130.pdf>. Acesso em 14 de julho de 2023.

Building the way

Além dessa tendência, Silva ainda faz menção a uma corrente de textos ligados à lembrança pessoal dos autores e à memória coletiva, uma vez que, “como o processo de globalização vem destruindo os contornos das culturas regionais, muitos escritores brasileiros tentam preservar na literatura a memória cultural de seu Estado, antes que ela se perca” (Silva, 2016, p. 13). Como exemplo, cita *Santo Antônio das Grimpas* (1987), também de Marietta Telles Machado, publicado postumamente e dotado de forte caráter biográfico, na medida em que retoma vivências da infância da autora em sua cidade natal, atual Hidrolândia. Recuando alguns anos, podemos, ainda, verificar uma aproximação entre a característica desta obra de Telles e parte das atividades realizadas pelo Centro de Estudos da Cultura Popular (CECUP)⁵, iniciativa interdisciplinar e interdepartamental vinculada à Universidade Federal de Goiás, com atuação entre os anos de 1981 e 1983.

Com a finalidade de estudar a cultura popular do Estado, o grupo de pesquisadores do CECUP gravou numerosas entrevistas com moradores da cidade de Jaraguá, região do chamado “ciclo do ouro”, focalizando tanto a coleta de depoimentos sobre religiosidade, quanto as histórias orais, movidos por uma noção de cultura popular “que englobava as artes de um modo geral, a tradição em suas variadas manifestações e todo o universo simbólico das representações, incluindo narrativas, mitos e ritos folclóricos” (Silva, 2012, p. 107). De curta duração, essas pesquisas, “que lembram de perto o trabalho feito pelos irmãos Grimm de entrevistar e coletar histórias populares” (Silva, 2012, p. 108-109), resultaram na edição de três livros em duas coleções: *A folia de reis de Jaraguá* (Coleção Religiosidade Popular); *Histórias Populares de Jaraguá* e *Tereza Bicuda*, ambos da Coleção Histórias Populares.

A partir desse breve panorama, é possível identificar um marcador regional persistente na literatura infanto-juvenil em Goiás. Isso se dá pela inserção de características históricas e geográficas, bem como os hábitos e costumes das categorias sociais dos lugares de onde se narra. A inserção do folclore marca, ainda,

⁵O excerto a seguir, retirado da introdução de um dos volumes lançados pelo CECUP, esclarece bem a proposta: “Com o propósito de contribuir para a preservação desta sabedoria popular e da sua memória, o CECUP integrou-se à proposta do MEC, através de convênio firmado entre a UFG – Pró-Reitoria de Extensão – e a SEC-GO, de desenvolvimento de um projeto de pesquisa denominado “Biblioteca da Vida Rural Brasileira”. O objetivo deste projeto é o de produzir livros de suplementação de leitura para as escolas de zona rural no sentido de valorizar a cultura regional e popular” (CANESIN; SILVA, 1983, p. 11).

Building the way

uma relação intermediária entre real e imaginário, uma vez que toma lendas e crenças religiosas como matéria para poemas populares, revividas mediante festividades e celebrações que também integram o círculo social dessas populações⁶.

Uma pista sobre a amplidão dessa produção em Goiás também é oferecida por Silva (2016, p. 13), quando diz ter mapeado cerca de 80 autores de literatura infanto-juvenil até aquele ano, com temáticas e construções variadas, apenas na cidade de Goiânia:

O que contam esses autores tão diferentes? Em primeiro lugar, eles repetem em escala menor o que se vê na produção nacional. Quanto ao gênero, preponderam as narrativas, os poemas são em menor número, e os textos teatrais, quase nulos. **Talvez isso se deva à natural atração exercida pelos “causos” e histórias contadas nas rodas de amigos.** (Silva, 2016, p. 13) [*grifo nosso*].

Os elementos que integram *A Trough de Maria*

De Marietta Telles Machado às publicações do CECUP; das incursões pelo imaginário infantil esboçadas pelo precursor regionalista Waldomiro Bariani Ortêncio⁷ à produção esparsa de Sônia Maria dos Santos Menezes⁸ ou à consolidação de Yêda Marquez⁹, observamos uma estreita relação entre literatura, história e tradição oral nos textos referenciados como infanto-juvenis *em* ou *sobre* Goiás, também na contemporaneidade.

⁶Sobre a relação entre religiosidade, folclore e poesia popular em Goiás, v. TEIXEIRA, 1979.

⁷Na coletânea de contos intitulada *Ficção Curta de Bariani Ortêncio* (2004), há uma listagem com as obras publicadas pelo autor. Entre elas, pelo menos seis estão anunciadas como pertencentes ao gênero *novelas juvenis*. São elas: *O enigma do saco azul* (1985); *Aventura no Araguaia* (1987); *João do Fogo* (1996); *João do Fogo e Pimentinha* (1996); *O Homem que não teimava* (2004) e *João do Fogo e Pimentinha: novas aventuras* (1999). Nessa mesma antologia, Vera Tietzmann, organizadora do volume, aponta que “Bariani também vem dedicando-se a escrever para o público leitor jovem, criando novelas que aliam aventura e mistério, em tramas em geral ambientadas nos centros urbanos” (SILVA, 2004, p. 17).

⁸Trata-se da obra *De Santos, Rezas e Laranjas*, publicada em 2017, pela Câne Editorial. Na obra, que conta com ilustrações de Santiago Régis, a autora compartilha as impressões da Festa de Santo Antônio conforme suas vivências quando criança, no interior de Goiás.

⁹Ao menos duas obras de Yêda Marquez apresentam representações da história e geografia de Goiás: são elas *Saia Dessa, Mano Pira* (2010), acerca da fauna e flora do Rio Araguaia, e *A viagem da pipa vermelha* (2011), sobre a poluição do rio João Leite. Há uma matéria do Jornal Opção informando sobre uma trilogia de título “Celebrações e festas populares de Goiás”, a qual abordaria as cavalcadas em Pirenópolis, a procissão do fogaréu na Cidade de Goiás e as festas juninas. A matéria aponta previsão para lançamento em setembro de 2018, em comemoração, ainda que atrasada, aos 50 anos do Instituto Basileu França, antigo Veiga Vale. No entanto, não identificamos o lançamento desta obra. Matéria disponível em <https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/ajudando-a-desvendar-os-misterios-do-mundo-128224/> Acesso em 19 de julho de 2023.

Building the way

Em *A literatura infantil em Goiás: alguns autores contemporâneos*, obra organizada pela professora Eliana Gabriel Aires, então vinculada à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, há importantes estudos ligados à produção do Grupo de Estudos e Pesquisa em Literatura Infantil da Faculdade de Educação da UFG (GEPELIN). A obra foi publicada sob a justificativa de:

[...] valorizar a produção literária goiana voltada para a criança, estimular a pesquisa e a produção de textos críticos na graduação, divulgar esses autores no meio acadêmico e nas escolas de Ensino Fundamental [...], como também disponibilizar um material didático para aulas de Literatura Infanto-Juvenil em cursos de Pedagogia e Letras (AIRES, 2009, p. 9).

Aos onze artigos da coletânea, com estudos acerca das obras das autoras Augusta Faro, Christie Queiroz, Cleidna Landivar, Daniela de Brito, Denise Godoy, Diane Valdez, Maria de Regino, Miguel Jorge, Newton Murce e Valéria Belém, somam um depoimento do próprio Miguel Jorge, considerado “decano” do grupo, além de prefácio assinado pela organizadora. Entre os textos, chamou atenção, para os fins de observar a perpetuação de elementos regionais na literatura infanto-juvenil contemporânea em Goiás, o capítulo sobre a autora Diane Valdez, sobretudo os comentários acerca do livro *O que teria na trouxa de Maria?* presentes no estudo “Diane Valdez: nas trilhas literárias do cerrado”, de Marco Antonio de Abreu Rodrigues. Trata-se da história de Maria Grampinho, mulher em situação de rua conhecida por carregar uma trouxa de conteúdo desconhecido pelas ladeiras de Vila Boa, antiga capital de Goiás, além de usar inúmeros pequenos grampos de metal para fixar o penteado. A associação entre a cidade e o comportamento da personagem, real, nascida no início do século XX, é exposta ainda na apresentação da obra:

As ruas tortas e silenciosas da velha cidade conversam com a gente. Trazem quase um convite ao silêncio. Então tem gente que, de maneira mais radical, prefere ficar sozinha, falando consigo mesma, conversando com seus botões. São raros. Mas existem. Maria Grampinho existiu. Eu vi. Embora preferisse estar sozinha, foi amiga minha e de minha mãe. Amiga só de beirar a casa, de aceitar o prato de comida. Amiga só de ouvir e concordar com leves acenos de cabeça. Sua expressão de amizade vinha do olhar humilde e doce (Saddi, 2016, p. 4).

Building the way

É a partir da leitura dessa obra literária que propomos algumas reflexões e questionamentos, tomando-a como objeto em direção a uma tentativa de análise sobre como as representações construídas pelo texto de Valdez sintetizam, literariamente, alguns aspectos históricos e formativos de Goiás, anteriores à construção de Goiânia e à transferência de capital. Cabe questionar, também, se a construção discursiva da obra infanto-juvenil da autora goiana está ligada a um pedagogismo que marcou o gênero ou acompanha as tendências estéticas mais ligadas à contemporaneidade.

Nossa leitura parte da relação entre literatura, formação social, tradição oral e História, detidamente a que perpassa a antiga capital, Vila Boa, local que ambienta a narrativa de Valdez. Essa perspectiva de análise possibilita a associação de Maria Grampinho à categoria de “bobo”, denominação atribuída pelo senso comum a pessoas com grau leve ou muito elevado de deficiência e que viveram e ainda vivem naquela cidade. Historicamente, essa categoria social apresenta, “de um lado, [...] reminiscências dos ‘bobos’ da corte, de outro, nos remetem aos paradoxos da realidade e da miséria humana das crianças enjeitadas e, finalmente, nos localizam nas vicissitudes da conquista e colonização da terra dos Goyazes” (Meireles, 2014, p. 33).

Nesse sentido, interessa entender como Valdez confere protagonismo a figuras marginalizadas que viviam na antiga capital. Maria Grampinho é uma personagem caracterizada pelo silêncio e pela excentricidade de suas roupas e gestos. Dessa forma, a obra busca uma “outra” forma de ver os sujeitos que habitam um lugar, na medida em que “não são apenas as pessoas ilustres que compõem uma cidade, um estado ou um país” (Rodrigues, 2009, p. 68). Vila Boa, marcada pela historiografia tradicional tanto pela exuberância (e decadência) da extração aurífera do século XVIII, quanto pelo tradicionalismo político do século XIX e início do XX, passa a ser reduzida a cidade “atrasada” e “insalubre” pelo arranjo político pós-Revolução de 1930, culminando na construção de Goiânia e transferência de capital. Na obra de Valdez, os elementos formativos daquela cidade são retomados e ganham sobrevida mediante o recurso ficcional.

É importante mencionar que Diane Valdez ministrou uma aula pública no dia 21 de julho de 2023, no Miniauditório da Faculdade de Educação da Universidade

Building the way

Federal de Goiás, sob o título “Infâncias no plural: história e memória”¹⁰. Ainda durante a exposição, Valdez foi questionada sobre as relações entre história e literatura em sua produção. A escritora menciona que busca uma recusa ao didatismo em sua obra voltada para jovens leitores, na medida em que vislumbra o texto literário, antes, como mediador para “acesso a outros mundos”, dada a sua capacidade de humanização. Em sua argumentação, cita, ainda, o célebre texto de Antonio Candido intitulado “Literatura e direitos humanos”¹¹ como referência.

Nesse sentido, propor uma representação da antiga capital através da personagem Maria Grampinho é também uma forma de resistência, na medida em que confere centralidade a uma figura silenciada e marginalizada; conforme infere a autora, essa seria uma das intenções da (sua) literatura, ou seja, mediar o acesso à(s) história(s) por meio de uma personagem atípica, “[...] que causava indiferença, espanto, medo e fúria. Incompreendida por crianças e adultos. Teve visibilidade apenas por uma trouxa e alguns grampos” (Rodrigues, 2009, p. 70). Diante da aproximação entre as intenções reveladas e a disposição do texto literário, podemos observar que o discurso de *O que teria na trouxa de Maria?* procura valorizar uma categoria social historicamente marginalizada, dadas as suas condições de classe e padrões de normalidade (andarilha, “bobo”, “tipo de rua”), raça e gênero (mulher negra). A obra apresenta também a inserção de aspectos históricos e culturais como recurso à valorização e retomada da cidade representada, levando em conta a culinária; nomes emblemáticos, como o da poeta Cora Coralina, além da recorrência de cantigas e parlendas. As ilustrações empregam a técnica do bordado, complementando a intenção discursiva de uma elaboração artesanal da linguagem.

Vale mencionar que em *O que teria na trouxa de Maria?*, a linearidade do enredo é um aspecto marcante¹², demonstrando a tendência de primar pela

¹⁰Tomamos conhecimento deste evento pela rede social Instagram, mediante divulgação no perfil do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação. Trata-se de um projeto de extensão vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG (GEPHE-PPGE-UFG).

Disponível em <https://www.instagram.com/p/Cu6qy9YuWjp/>
Acesso em 20 de julho de 2023.

¹¹Disponível em

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3327587/mod_resource/content/1/Candido%20O%20Direito%20%C3%A0%20Literatura.pdf

Acesso em 31 de julho de 2023.

¹²Essa mesma característica também predomina em outras duas obras da autora voltadas para o público infanto-juvenil. São elas: *Os três porquinhos salientes e o lobo guará*, de 1999 (posteriormente reeditada com o título *Os três porquinhos caititus e o lobo guará*), e *Deu queimada no cerrado*, de 2005. Mais comentários constam em RODRIGUES, 2009.

Building the way

comunicabilidade do texto. A obra busca a rememoração das características culturais da região representada, como no uso da versificação, retomando a oralidade e musicalidade das cantigas populares. A presença de fragmentos “realçando combinações fônicas, rimas, aliteraões, repetições, assonâncias [...], cantigas de roda, mesclas de sonoridade e ‘nonsense’” (Silva, 1987, p. 12), tão recorrentes em obras dessa disposição narrativa, confirmam a assertiva.

157

Nesse mesmo sentido, as pausas motivadas pela estruturação em versos, bem como a aliteração identificada pela repetição da consoante -s, possibilitam uma integração do leitor com o ambiente pacato e silencioso, típico da dinâmica de vida das cidades interioranas. É o que se verifica, por exemplo, no fragmento “ruas que são cobertas/das pedras dos tempos/dos escravos./As ruas da bela Cidade/de Goiás” (Valdez, 2016, p. 6).

O poema narrativo dá ênfase ao local onde se passam os fatos representados, valorizando-o mediante citações de pontos conhecidos da cidade, assim como fazendo referência à culinária e ao comportamento das pessoas que habitavam a antiga Vila Boa. Alinhada com uma valorização tardia do lugar, dado o seu reconhecimento como Patrimônio Cultural apenas em 2001, a obra direciona o leitor àquelas:

Ruas das casas
coloniais com seus
enormes quintais,
ruas das igrejas e
missas cantadas,
ruas das crianças e
das brincadeiras,
ruas do Quartel, da
Fonte da Carioca e do
Palácio Conde dos
Arcos.
São essas ruas que
vão nos contar sobre
a Maria Grampinho (Valdez, 2016, p. 7).

O comportamento de Maria Grampinho diante da transferência de capital também é revelador, pois mostra a perspectiva de quem acompanhou o processo histórico, ainda que alheia às reclamações, êxitos ou frustrações dos lados em disputa. Essa circunstância demonstra que a composição de um lugar não é feita apenas pelas pessoas providas de capital simbólico, político e cultural, mas por todos

Building the way

os que habitam a cidade; cabe ao agente historiográfico – aqui “[...] uma historiadora que escreve com palavras literárias” (Rodrigues, 2009, p. 70), definir para onde direcionar sua lente.

Ainda sobre o momento representado, a personagem, inserida naquele espaço-tempo, “não opinou, nem ficou/ chateada como muitos/ficaram. Só estranhou/o movimento e as/reclamações do povo/da cidade, que não/aceitava a nova capital. Aquele mês de/dezembro não/significou nada pra/Maria, que continuou/sua rotina pelas ruas/da cidade que não era/mais capital, era/apenas mais uma/cidade no interior do/Estado” (Valdez, 2016, p. 21). A indiferença da personagem, ainda perseguida pelas “velhas/beatas que ficavam/sentadas nas/conversadeiras ou nas/portas das casas, com/aquelas falas enjoadas/que não acabavam/mais” (Valdez, 2016, p. 27) também representa, metonimicamente, a dinâmica de vida baseada nos valores tradicionalistas da Cidade de Goiás.

Cabe observar, ainda, que, pela via da História, esse processo não se deu sem conflitos. O discurso centrado na mudança, condensado em documentos como o relatório remetido pelo interventor Pedro Ludovico Teixeira ao então presidente Getúlio Vargas, datado de 1933, atribui o baixo índice de crescimento econômico do Estado, bem como a pouca expansão demográfica, à suposta impossibilidade de expansão e urbanização da então capital. Assim, estimava-se que “a construção de Goiânia, como advento político-estratégico, veio pôr um ponto final nessa demanda de localização da capital de Goiás em um espaço mais adequado à liberação do progresso e do desenvolvimento litorâneos represados por Vila Boa” (Costa; Quintela, 2005, p. 16), sendo a figura política do médico Pedro Ludovico Teixeira personificada como a “solução” com vistas a um “novo tempo”, não mais de “isolamento” econômico e “atraso”, mas de inserção do Estado no projeto de nação enunciado pela Marcha para o Oeste varguista. Vale mencionar que a efetivação desse processo só se daria a partir da segunda metade da década de 1950, quando Goiânia ganha expansão demográfica pela construção de Brasília, nova capital do país.

Interessa perceber também o modo como o mesmo relatório trata a categoria social dos “bobos”, não como figuras desassistidas, mas de forma pejorativa. O médico Pedro Ludovico Teixeira menciona uma das funções desempenhadas por aquela categoria social, qualificando-a de forma preconceituosa, conforme vemos na citação a seguir:

A contingência secular de necessitar a população de um exército de baldeadores de água deu lugar a que surgisse uma estranha instituição nitidamente local – o bôbo. Caracteriza-se esta instituição pela tendência comum, verificável em muitas das famílias goianas, de manter cada uma delas um bôbo – mentecapto, idiota, imbecil – para o serviço de transportes domésticos, especialmente o de água (Teixeira *apud* Meireles, 2014, p. 105).

Lançando mão do experimento com a linguagem poética, inclusive como recusa à pretensão de objetividade da própria história, Valdez parte dos mistérios de uma figura marginalizada para oferecer ao leitor o contato com a cidade pelo ângulo de um “outro” mundo, em recusa ao discurso do “vencedor”; entrelaçando realidade e ficção, a autora parte de “baixo” para “cima”, unindo o silenciamento da personagem com o silêncio forçado da agora antiga capital do Estado.

Tendência da Literatura Infantil e Juvenil brasileira contemporânea na obra de Diane Valdez

Em *O texto sedutor na literatura infantil*, Edmir Perrotti propõe uma categorização de obras de literatura infanto-juvenil brasileiras até meados da década de 1980. Assim, o autor identifica ao menos três tendências maiores, variando conforme as intenções discursivas identificadas. Há conceituação do *discurso utilitário*, meramente instrumentalizado, visando a moralização ou didatismo, comprometido com a ordem social vigente; o *discurso utilitário às avessas*, que direciona a eficácia do utilitarismo a interesses contemporâneos, mas ainda buscando o ensinamento, através de recursos narrativos predominantemente externos à rede de ambiguidades que pode ser provocada pela própria obra; e, finalmente, o *discurso estético*, com deslocamentos do eixo narrativo, exigindo uma atividade plena e diálogo (logo, não imposição) com o leitor em busca de uma interpretação, primando pela autonomia do discurso estético em sua capacidade de polissemia e plurissignificação. Esta última vertente, portanto, valoriza o texto não só em sua função de “servir para alguma coisa”, mas pela abertura de sentidos, buscando uma fruição artística complexa, com vistas a incitar a participação crítica do leitor.

Nesse sentido, *O que teria na trouxa de Maria?* está alinhada ao discurso estético, visto que os elementos ligados à descrição da antiga cidade de Goiás estão

Building the way

organicamente inseridos na economia narrativa. A intenção discursiva da obra não redundando em moralização, como ocorre com o discurso utilitário típico, de modo que o texto literário não é tratado como um “condutor” de ideias para além de apresentar um fim em si mesmo. Logo, ainda que “[...] a narrativa apela para valores contemporâneos e os promove, tal atitude, todavia, não se revela na estruturação do discurso” (Perrotti, 1986, p. 131).

160

O alinhamento da obra com tendências estéticas da literatura infantil e juvenil contemporânea, na contramão de tendências pedagogizantes, pode ser observada na cena em que as crianças da cidade, assim como os adultos, sem saber o que Maria carrega em sua trouxa, cantam “Maria Grampinho/ da trouxa amarrada/carrega essa menina/da cara lavada” (Valdez, 2000, p.15), como se a personagem carregasse em sua trouxa as crianças que se comportavam mal. Embora fique patente a crueldade das crianças, a obra não envereda por ensinamentos moralizantes ou a defesa de comportamentos edificantes. Pelo contrário, o poema narrativo concede voz à Maria e aos seus pensamentos, como forma de reforçar a ótica da personagem marginal e sua subjetividade: “Maria ficava/ aperreada, amuada e/pensava:/ - Menino é um trem/custoso mesmo/quem disse que eu/quero carregar/menina ou menino/malcriado?” (Valdez, 2000, p.15).

As brincadeiras perversas das crianças continuam, mas a obra dá centralidade ao olhar alheio de Maria para as pessoas e acontecimentos da cidade: “Maria viu casamentos/de meninas e meninos/ que um dia tinham/mexido com ela./ Acompanhou velórios/de papudos, bobos/velhos e anjinhos” (Valdez, 2000, p.22) em uma maneira só sua de “fazer parte por/ inteiro do que estava/ acontecendo” (Valdez, 2000, p.23).

Assim, a obra tem o mérito de apresentar uma relevante releitura da história do Estado pela ótica dos vencidos, percorrendo as ruas pacatas e as tradições culturais de Goiás também pela via da crítica à história oficial. É digno de nota observar que *O que teria na trouxa de Maria?* já está em sua quarta reimpressão, e uma rápida pesquisa em blogs e plataformas de *streaming* de vídeo mostra contações e encenações da obra integral em escolas públicas e eventos pedagógicos, o que revela a popularidade da história entre o público leitor.

Considerações finais

História e literatura se relacionam na obra de Diane Valdez. Por meio de recursos estéticos elaborados de forma refinada, a obra narra uma “outra” História, contada sob a lente de uma figura situada à margem das representações tradicionais. A fala que foi mencionada durante palestra de Diane Valdez, também pesquisadora das infâncias em Goiás e contadora de histórias, em que a autora revela compreender a literatura para jovens leitores como bem incompressível, ou seja, necessidade básica, direito humano, em alinhamento com o supracitado texto de Candido (2011), encontra respaldo em *O que teria na trouxa de Maria?*.

A obra de Valdez não resvala para um tom panfletário fácil, nem busca convencer o jovem leitor sobre supostas posturas edificantes. Nesse sentido, revela direcionar seu texto para um leitor em formação, escrevendo com a intenção de “ler com quem não lê”, conforme proferido na mesma aula pública já citada. Se o recurso ao lúdico apresenta aquelas mesclas de sonoridade e combinações fônicas mencionadas por Silva (1987), percebe-se, ainda, que o texto se destaca por atribuir protagonismo à uma mulher qualificada pela categoria de “bobo”, uma vez que:

A exigência explicativa desse fenômeno, até os dias de hoje, fica adormecida sob um grande manto. É proibido a qualquer pessoa de fora da comunidade tocar no assunto, [...] o constrangimento é enorme. O paradoxo é que, de um lado, temos o atributo de “bobo” sendo depositado, há séculos, numa categoria de deficientes mentais. De outro temos o segredo, o isolamento, a reclusão, a banalização, a vulgarização (Meireles, 2014, p. 120).

O recurso ao imaginário se dá, portanto, pela presença do “bobo” como “arsenal lendário” (Meireles, 2014, p. 127), não pejorativo, como habitualmente se vê, mas com humanização, despertando a empatia e alteridade. O leitor pode se envolver com a fabulação, na medida em que é conduzido a um lugar distante espacial e temporalmente, sob o ângulo de uma figura alheia à chamada História oficial. Nesse sentido, *O que teria na trouxa de Maria?* é representante de uma tendência da literatura infanto-juvenil marcada pela rememoração regional e, nesse sentido, pode atuar como importante leitura literária de qualidade para jovens leitores.

REFERÊNCIAS

Building the way

AIRES, Eliana Gabriel. A atual produção literária infantil em Goiás. In: _____ (Org.). *A literatura infantil em Goiás: alguns autores contemporâneos*. Goiânia: Funape / Faculdade de Educação da UFG, p. 4-5, 2009.

BUARQUE, Jamesson. Poesia goiana ou em Goiás?. In: _____, SANTOS, Giovana Ferreira Bleyer dos; CAMARGO, Goiandira Ortiz de (Org.). *Considerações sobre a poesia goiana*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2018.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____ *Vários Escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CANESIN, Maria Tereza; SILVA, Telma Camargo da (Org.). *A folia de reis de Jaraguá*. Goiânia: Centro de Estudos da Cultura Popular (CECUP), 1983.

COSTA, A. C.; QUINTELA, A. C. A modernidade assustadora: o pesadelo goiano de Lévi-Strauss. In: AGUIAR, O. B. de (Org.). *Região, nação identidade*. Goiânia: Agepel; Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005

DENÓFRIO, Darcy França. A nossa proto-história editorial. In: *Revista UFG*, ano XIII, nº 10. Goiânia: UFG. 2011. p. 192-201.

MEIRELES, Marilucia Melo. *Os “bobos” em Goiás: enigmas e silêncios*. Goiânia: Editora UFG, 2014.

PEREIRA, Gilberto G. *A literatura infantil em Goiânia*. 2018. Disponível em https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/a-literatura-infantil-em-goiania-128221/?ak_action=reject_mobile Acesso em: 14 de julho de 2023.

PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.

RODRIGUES, Marco Antônio de Abreu. Diane Valdez: nas trilhas literárias do cerrado. In: AIRES, Eliana Gabriel (Org.). *A literatura infantil em Goiás: alguns autores contemporâneos*. Goiânia: Funape / Faculdade de Educação da UFG, p. 58-72, 2009.

SADDI, Salma. Apresentação. In: VALDEZ, Diane. *O que teria na trouxa de Maria?* Ilustrações de Alda Miriam Ribeiro. 4ª reimpr. Goiânia: Cãnone Editorial, 2016.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. Literatura infanto-juvenil em Goiás. In: *Cadernos de Pesquisa do ICHL (Série Literatura Infanto-Juvenil)*, n. 2. Goiânia: UFG, 1987, p. 7-18.

SILVA, Vera Maria Tietzmann (Org.). *A ficção curta de Bariani Ortêncio*: antologia. Goiânia: Editora UFG (Coleção Belamor, nº 5), 2004.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. *50 anos de Letras na UFG: um projeto em construção – Memória e História*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2012.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. *A literatura infantil goiana*. 2016. Disponível em <https://www.adufg.org.br/files/setembro-outubro-2016-925130.pdf> Acesso em 14 de julho de 2023.

Building the way

TEIXEIRA, José Aparecido. *Folclore goiano: cancionero, lendas, superstições*. 3. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

VALDEZ, Diane. *O que teria na trouxa de Maria?* Ilustrações de Alda Miriam Ribeiro. 4ª reimpr. Goiânia: Cãnone Editorial, 2016.